

**O PASSADO COMO UTOPIA DE FUTURO: UMA ANÁLISE SOBRE AS  
RELAÇÕES TEMPORAIS EM “SAN JUNIPERO”**Jênifer Rosa de Oliveira<sup>1</sup>**RESUMO**

Neste trabalho, propomos uma análise sobre o modo como as diferentes temporalidades se articulam na narrativa do episódio “San Junipero”, da terceira temporada da série *Black Mirror*, exibida pela Netflix. A partir dos conceitos de estratos do tempo (KOSELLECK, 2014), e das discussões sobre o tempo, em sua dimensão humana, como construção narrativa (WILLIAMS, 1990; HELLER, 2000; RICOEUR, 2010; BLOCH, 2017) nosso percurso buscou compreender como passado, presente e futuro – aqui tomados não como categorias fixas mas, também como espaços da imaginação –, se articulam, se tensionam e se implicam para o agir humano.

**Palavras-chave:** Temporalidades; Imaginação; Passado; Utopia; *Black Mirror*; San Junipero.

**THE PAST AS A FUTURE UTOPIA: AN ANALYSIS ABOUT TIME  
RELATIONS IN “SAN JUNIPERO”****ABSTRACT**

The purpose of this study is to analyze how the different temporalities fit together in the narratives of “San Junipero”, an episode of the third season of the *Black Mirror* series, aired by Netflix. From the concepts of strata of time (KOSELLECK, 2014), and discussions on time in its human dimension, as a narrative construction (WILLIAMS, 1990; HELLER, 2000; RICOEUR, 2010; BLOCH, 2017) this essay seeks to comprehend how past, present and future – understood here not as fixed categories but also as spaces of imagination – articulate, strain and implicate themselves in the human action.

**Keywords:** Temporalities; Imagination; Past; Utopia; *Black Mirror*; “San Junipero”.

**INTRODUÇÃO**

Numa história que se passa em um futuro próximo, velhinhos à beira da morte são submetidos a um novo tipo de tratamento: a terapia de imersão nostálgica. Nele, os idosos são convidados a reexperimentar a vida em alguma época do passado de sua juventude, cujo ano que eles mesmos podem escolher. Na chamada San Junipero – a cidade virtual para onde as pessoas submetidas ao tratamento vão – eles podem ser quem quiserem e viver como quiserem. Quem se submete ao tratamento pode passar apenas cinco horas semanais seguidas em San Junipero, por causa dos efeitos colaterais

<sup>1</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Minas Gerais, na linha de pesquisa Textualidades Midiáticas.

que vão de perda da capacidade de diferenciar corpo e mente até à loucura. Contudo, podem escolher habitar ou não em San Junipero por toda a eternidade após a morte do corpo biológico, por meio de um procedimento tecnológico de transmissão da consciência para o ambiente virtual. É nesse cenário que Kelly e Yorkie, duas jovens com pouco mais de 20 anos, se conhecem e desenvolvem um romance, ambientado no que parecer ser o ano de 1987. No entanto, na vida fora de San Junipero, Kelly e Yorkie são duas idosas com pouco tempo de vida, cada uma com seus próprios motivos para estar no ambiente virtual.

Yorkie passou a vida quase toda em estado vegetativo, após sofrer um grave acidente de carro minutos depois de revelar para os pais conservadores sua homossexualidade. Ela vê em San Junipero a oportunidade de continuar a vida partir do momento em que esta foi interrompida pelo acidente, após passar mais de quarenta anos presa a uma cama de hospital. Já Kelly, que seguiu um curso de vida previsível (se casou, teve uma filha, ficou viúva), só quer se divertir um pouco antes de se despedir da vida, mas sem pretensões de seguir a eternidade na cidade virtual, como Yorkie pretende fazer.

Esse é o enredo “San Junipero”, o quarto episódio da terceira temporada da série de ficção *Black Mirror*, lançado em outubro de 2016, pela Netflix. Escrito pelo criador da série, Charlies Brooker, e dirigido por Owen Harris, o episódio estrelado por Mackenzie Davis (Yorkie) e Gugu Mbatha-Raw (Kelly) recebeu muitos elogios da crítica e foi premiado nas categorias Melhor Filme para Televisão e Melhor Roteiro de Filme para Televisão no Emmy Awards de 2017.

Como já habitual na série *Black Mirror*, o episódio explora reflexões polêmicas ao abordar situações sobre o uso da tecnologia na vida humana, colocando o espectador diante de dilemas éticos relativos aos limites dessa incorporação tecnológica no mundo da vida. No entanto, ao contrário da maior parte dos episódios, que trazem situações nas quais a intensa incorporação da tecnologia provoca algo negativo, “San Junipero” traz um viés mais positivo, representando a tecnologia como uma possibilidade de algo bom. Além das questões éticas já mencionadas, o episódio também permite reflexões a respeito do que é ficção e realidade num mundo que se desdobra cada vez mais para os espaços da virtualidade, e também sobre as formas de articulação temporais que

emergem quando o modo de perceber o tempo como algo linear, que engloba passado, presente e futuro como etapas que se sucedem, entra em colapso. É sobre essa questão das temporalidades que esse artigo se ocupará.

### **AS TEMPORALIDADES DE “SAN JUNIPERO”**

Os historiadores costumam conceber o tempo de duas formas distintas e opostas: linear, como uma flecha, caracterizado por um futuro indefinido, por ser um tempo irreversível; ou circular, recorrente, um tempo cíclico, marcado por repetições. Contra essas duas visões, Koselleck (2014, p. 9) propõe a concepção de estratos do tempo. Essa nova proposição põe fim a oposição circular-linear ao conceber o tempo como uma sobreposição de camadas de várias temporalidades, que coexistem e se implicam. Daí o termo “estrato”, que o autor toma emprestado da geologia, utilizado para identificar os vários tipos de camadas de sedimentos que se depositam ao longo de diferentes períodos geológicos e formam o solo.

Para Koselleck, o tempo é marcado tanto por singularidades, que seriam os acontecimentos que irrompem como ocorrências irreversíveis – os grandes fatos históricos, por exemplo –, mas também por estruturas de repetição, que se atualizam muito lentamente, como a língua, as leis ou a religião. Compreender o tempo como estratos nos permite ver essas várias temporalidades que o compõem, inclusive no que diz respeito às diferentes velocidades de cada uma delas nos processos de atualização (ou atraso). Em outras palavras, nos permite perceber os diferentes modos de mudança e a complexidade temporal. O tempo, por essa perspectiva, seria composto pela sobreposição das diferentes experiências de repetição e processamentos de singularidades de cada geração contemporânea, e também pelos tempos históricos que as transcendem. Essa sobreposição de tempos permite que haja avanços ao mesmo tempo em que as estruturas de referência são mantidas.

A esse espaço temporal onde que singularidades irrompem ao mesmo tempo em que estruturas de repetição são mantidas, Agnes Heller (2000, p. 17) dá o nome de cotidiano. O cotidiano seria esse espaço onde passado, presente e futuro se articulam e implicam no agir humano e no curso da história. A autora explica que o homem nasce inserido na cotidianidade e dela retira todos os elementos – culturas, valores, juízos,

modos de pensamento e de conduta – para tomar suas decisões de forma pragmática. Ao nascermos, as estruturas das esferas que formam a vida cotidiana e a tornam heterogênea (família, escola, igreja, trabalho, etc.) já estão dadas, e continuarão a existir depois de nós. Amadurecer, segundo Heller, é adquirir as habilidades de cada uma dessas estruturas, e das diferentes esferas, para agirmos no cotidiano.

No entanto, destaca ainda a autora, a espontaneidade é a característica dominante na vida cotidiana, pois esta exige um agir pragmático, guiado pela espontaneidade:

... a espontaneidade é a tendência de toda e qualquer forma de atividade humana. A espontaneidade caracteriza tanto as motivações particulares (e as formas particulares de atividade) quanto as atividades humano-genéricas que nela têm lugar. O ritmo fixo, a repetição, a rigorosa regularidade da vida cotidiana (que se rompem quando se produz a elevação acima da cotidianidade), não estão absolutamente em condição com essa espontaneidade; ao contrário, implicam-se mutuamente. A assimilação do comportamento consuetudinário, das exigências sociais e dos modismos, a qual, na maioria dos casos, é uma assimilação não tematizada, já existe para sua efetivação a espontaneidade. Pois, se nos dispuséssemos a refletir sobre o conteúdo de verdade material ou formal de cada uma de nossas formas de atividade, não poderíamos realizar nem sequer uma fração das atividades cotidianas imprescindíveis; e, assim, tornar-se-iam impossíveis a produção e a reprodução da vida da sociedade humana. (HELLER, 2000, p.30).

Assim, regularidade e espontaneidade se implicam mutuamente para o agir no cotidiano. Por ser pragmática, os juízos que marcam a vida cotidiana são sempre baseados na confiança e sempre provisórios, ainda que pareçam permanentes e imutáveis. É no decurso da história, que Agnes Heller atribui como sendo o processo de construção e degeneração de valores, que as estruturas da vida cotidiana se atualizam.

As esferas do cotidiano, diz Heller, são os grandes berços e túmulos da história, pois é nelas que acontecem os movimentos de fixação e atualização/degeneração. A vida cotidiana, portanto, está no centro da história e, por ser heterogênea, composta por várias esferas, é marcada por diferentes temporalidades.

No episódio “San Junipero” podemos perceber as múltiplas temporalidades sobrepostas que compõem o cotidiano dos personagens. O primeiro deles é o tempo histórico, que segundo Koselleck (2014, p. 24) é aquele atrelado aos limites biológicos, pois diz do tempo compreendido entre o nascimento e a morte dos indivíduos. Em “San Junipero”, as duas personagens principais, Yorkie e Kelly, são idosas e é o histórico de vida delas que dita os desdobramentos da narrativa do episódio.

Yorkie ficou tetraplégica quando tinha cerca de 20 anos. Após assumir sua homossexualidade para os pais conservadores, a jovem sofre um acidente de carro e passa os próximos anos de sua vida numa cama de hospital, em estágio vegetativo. Por isso, a personagem planeja se submeter a um procedimento de eutanásia, que porá fim a seu corpo biológico.

Já Kelly teve uma vida que seguiu o curso socialmente previsível e ordinário: viveu um casamento feliz e duradouro, teve uma filha, ficou viúva. Agora, no momento de sua velhice, Kelly é paciente terminal de câncer e mora numa casa de repouso.

As duas personagens, Yorkie e Kelly, já a beira da morte, têm a possibilidade de experimentar uma nova vida, paralela à vida biológica – permeada por dores físicas –, em San Junipero. Ambas são submetidas ao tratamento de terapia de imersão nostálgica, que oferece a elas a possibilidade de experimentar uma realidade virtual que se passa em alguma temporalidade do passado delas, análoga ao mundo onde a vida biológica se desenvolveu. Nesse ambiente virtual, as personagens podem encontrar músicas, jogos, roupas, programas de TV, etc., que fizeram parte de sua juventude, e também assumir a mesma aparência física que tinham naquela época.

Essa realidade experienciada em San Junipero se apresenta como um passado, uma vez que oferece uma possibilidade de retorno no tempo com um corpo mais jovem e são, numa época repleta de elementos nostálgicos e de lembranças felizes, mas também como um presente alternativo, que ocorre ao mesmo tempo em que o corpo biológico, já idoso, está vivo em outra temporalidade, numa espécie presente sobreposto.

Além disso, San Junipero também se apresenta como uma expectativa de futuro, pois permite a vivência de novas experiências, as quais muitas não puderam ser realizadas no mundo da vida biológica. Exemplo disso é o que o lugar representa para Yorkie. Por ser tetraplégica, a personagem não pode viver várias situações, que em San Junipero se tornam possíveis. Por isso, a personagem planeja, ao se submeter ao procedimento de eutanásia, transferir sua consciência para o ambiente virtual, como tentativa de continuar a vida que foi interrompida pelo acidente.

São todas essas temporalidades sobrepostas que conformam o cotidiano das duas personagens no episódio. As articulações entre elas serão melhor exploradas nos tópicos a seguir.

## **O DESEJO CONTEMPORÂNEO DE RETORNO AO PASSADO**

A modernidade possibilitou a superação da visão apocalíptica de futuro da Idade Média ao trazer consigo o ideal de progresso. Uma das promessas da modernidade era a de que o futuro traria um tempo novo, de descobertas científicas e desenvolvimento, e não o fim dos tempos, como era concebido no mundo medieval, tal como aponta Reinhart Koselleck:

Até então, o que importava era saber se o fim do mundo ocorreria mais cedo do que era previsto ou esperado, mas aos poucos os cálculos foram adiando o Último Dia para cada vez mais longe, até que a discussão sobre esse tema foi abandonada. Esse giro para o futuro só se realizou depois que as guerras civis religiosas - que, com a decadência da Igreja, no início pareciam anunciar o fim do mundo - consumiram as expectativas cristãs. O avanço das ciências, que prometiam e anunciavam sempre mais descobertas no futuro, assim como a descoberta do Novo Mundo e de seus povos, repercutiram, de início, lentamente, ajudando a criar a consciência de uma história universal, que como um todo estaria entrando em um novo tempo. (KOSELLECK, 2000, p. 278)

Nesse novo modo de perceber o futuro, a percepção sobre o passado também é alterada. Este passa a ser visto como algo já superado e oposto, cujas experiências não dariam mais conta de oferecer expectativas suficientes para o futuro que se abre (KOSELLECK, 2000).

No entanto, essa mesma busca do progresso, que oferecia a possibilidade de um mundo novo, provocou o surgimento de diversos problemas nos últimos séculos. Guerras, alterações climáticas causadas pela poluição desencadeada pela industrialização, substituição da força de trabalho humana por máquinas, que provocou o aumento da fome e das desigualdades sociais ou um maior consumismo. Tudo isso, que veio junto com o progresso, frustrou o ideal de futuro. De um tempo novo e sempre melhor, o futuro passou a ser visto como algo incerto e temido, pois não se sabe o que com ele pode vir. Do mesmo modo, o passado também não é mais algo da ordem do já superado, visto que essas grandes catástrofes do século XX continuam se desenrolando na contemporaneidade (MUDROVICIC, 2013).

Como o futuro se torna esse lugar obscuro, emergem movimentos no sentido de impedir, ou ao menos atrasar sua chegada, como no caso dos grupos conservadores que pregam um retorno aos valores tradicionais (KOSELLECK, 2000). Frente a um novo desconhecido e que assusta, prefere-se a familiaridade do passado. Mas esse passado também não é livre de idealizações. Para Paul Ricoeur (RICOEUR, 2010), a História e a ficção se assemelham por serem ambas narrativas operadas por meio de variações imaginárias, que, grosso modo, são formas de neutralizar os elementos que as compõem, ou, em outras palavras, ficcionalizá-los, para que possam fazer sentido.

Neste sentido, tanto o historiador quanto o romancista trabalham fazendo seleções e reordenamentos, que são articulações imaginárias. Mas, ao contrário do romancista, o historiador possui o compromisso de fazer com que sua construção se configure como idêntica ao mundo narrado.

Para Paul Ricoeur, a História é forma de reinserir, sobre o tempo cósmico, o tempo vivido; sendo assim, é a narrativa que nos permite costurar o tempo. Mas, conforme o autor também refere, posto que toda história é uma construção, é também sempre uma refutação de pensamentos, fazendo com que o passado seja inesgotável porque são infinitas as formas de configurá-lo.

Em sua obra *Campo e Cidade*, Williams (1990) discute sobre essas idealizações do passado a partir do sentimento nostálgico provocado pelos imaginários sobre campo e cidade. Com o desenvolvimento do capitalismo, um desses imaginários que veio à tona foi o da cidade como o lugar do desenvolvimento, da industrialização e do progresso, em oposição ao campo como o lugar do atraso e do arcaico.

No entanto, com as crises sociais trazidas pelo capitalismo, a cidade passou a ser vista também como o espaço da mundanidade, das desigualdades sociais, da violência, da vida apressada, das relações utilitaristas baseadas no dinheiro, enquanto o campo se tornou o lugar da natureza, da pureza, livre dos valores corrompidos do capitalismo, da ordem de um mundo irrecuperável, do qual se tem saudades. Mas, ainda conforme Williams, essa visão romantizada do campo é problemática porque desconsidera as formas de exploração próprias que existiam no campo pré-capitalista, pois, para a maioria dos homens, a passagem do mundo feudal para o mundo capitalista significou apenas a substituição de uma forma de domínio por outra.

Em “San Junipero”, embora os espaços campo e cidade não apareçam, esse imaginário do passado como um tempo feliz, cujo retorno é desejado, é a base da narrativa. Como já mencionado, San Junipero é um tipo de tratamento terapêutico que oferece às pessoas que estão à beira da morte a possibilidade de reexperimentar a vida numa realidade virtual que as transporta para uma espécie de passado.

Nessa nova ambiência – um vilarejo à beira-mar, que atende bem ao imaginário de paraíso – as pessoas encontram elementos estéticos e visuais que despertam nelas algum sentimento de nostalgia, como músicas, jogos, vestimentas e comerciais de TV de uma dada época. Época essa para a qual escolheram voltar e que se apresenta como familiar. Tão familiar que, frente ao futuro obscuro representado pelo fim da vida biológica com a chegada da morte, as pessoas preferem passar a eternidade nessa realidade virtual permeada de elementos afetivos de seu passado, como pretende Yorkie.

Em San Junipero, esse passado feliz também é um mito porque não está descolado do presente. Todo cenário foi pensado num esforço de se criar um lugar idílico, decorado por elementos que despertassem os afetos de uma determinada geração (uma música, um jogo de vídeo-game, etc.) e, ao mesmo tempo, isolado dos problemas sociais dessa determinada época. Por exemplo, no episódio nada se diz sobre a Guerra Fria, a Guerra do Iraque ou a epidemia de Aids que ocorriam nos anos 80, época em que se passa a maior parte da narrativa.

San Junipero, ainda, é habitado por pessoas que colecionam uma gama de problemas particulares ao longo de uma vida inteira e, ao acessarem esse suposto passado, levam consigo suas dores, culpas e angústias do tempo presente. Dessa forma, a experiência em San Junipero não parece se desdobrar para além de uma oportunidade de viver uma vida hedônica, focada nos prazeres individuais, e que apague, ainda que momentaneamente, essas dores. Também não parece haver entre os que estão em San Junipero interesse em se criar laços afetivos para a formação de uma comunidade. A promessa de recuperar o passado, portanto, não se realiza de fato, porque, aos moldes como este é oferecido, não é genuíno. O passado, mesmo com todos os atrativos nostálgicos de San Junipero, continua a ser algo da ordem do irrecuperável.

Essa desconstrução do passado feliz se dá, principalmente, pela visão da personagem Kelly sobre o lugar. Embora San Junipero seja, para ela, um local para se divertir antes de morrer, por estar cheio de memórias de sua juventude, nele não é possível recuperar aquilo do qual ela mais sente falta, que é a família que construiu e não tem mais. Kelly perdeu a filha quando esta tinha 39 anos, numa época em que San Junipero ainda não havia sido desenvolvida. Depois, quando o marido de Kelly ficou doente e ofereceram para ele a possibilidade de habitar em San Junipero após falecer, ele recusou, pois não via sentido em passar a eternidade num lugar onde não estivesse seu elemento afetivo mais importante, que era sua filha.

Do mesmo modo, Kelly também não via motivos para passar a eternidade nesse lugar, que, embora cheio de elementos de uma época que lhe trazia felicidade, era vazio de história, pois suas principais lembranças não estavam lá. Ela não se considerava no direito de viver permanentemente em San Junipero, pois considerava que isso seria uma forma de traição ao marido e à filha.

Num dos diálogos do episódio, diante do encantamento de Yorkie sobre o lugar que, de certo modo, lhe oferecia alguma oportunidade de vida, Kelly diz, de forma ríspida: “Quer mesmo passar a eternidade num lugar onde nada importa?”. Para Kelly, San Junipero parecia ser só uma forma egoísta de vida.

Koselleck afirma que passado e futuro jamais se igualam e que uma expectativa não pode ser experimentada de igual forma (KOSELLECK, 2000, p. 311). San Junipero pode ser um bom exemplo disso, pois sua promessa de oferecer aos pacientes terminais a oportunidade de reexperimentar a vida numa época nostálgica não se concretiza em toda sua plenitude, já que as pessoas, ao acessarem essa realidade, não são mais as mesmas, nem a realidade que encontram compreende a totalidade de seu passado. Esse passado idealizado, assim como o campo do mundo pré-capitalista, é da ordem de um mundo irrecuperável.

## **O PASSADO COMO UTOPIA DE FUTURO?**

O tempo histórico está condicionado aos limites biológicos. Segundo Koselleck:

O conjunto de experiências acumuladas e a capacidade de processar as surpresas constituem um patrimônio finito que se estende entre o nascimento

9

e a morte de um ser humano, não podendo ultrapassar esses limites nem sobrecarregar-se (2014, p. 24).

No entanto, em San Junipero, esses limites são quebrados, uma vez que, pela tecnologia, o tempo biológico deixa de significar como um limite e a vida pode continuar no mundo virtual, com surpresas e experiências ainda não vividas.

Bloch (2017) discute sobre a importância da utopia para o ainda não vivido. Contra a corrente que emprega significados pejorativos à palavra, que é entendida, muitas vezes, como algo tolo, inalcançável, ou mera abstração, o autor coloca a utopia como condição essencial para o agir humano. Segundo o autor, é nossa capacidade de sonhar (imaginar) que nos permite formular desejos e trabalhar para realizá-los. Além disso, as utopias podem revelar as tendências e latências de uma sociedade. Nas palavras do autor:

(...)se produce el requerimiento para un hacer posterior, de modo que los castillos en el aire de hoy para algunos hombres se han convertido en los palacios reales del mañana. En ello reside la capacidad de escindir: sin ello, muchas de nuestras acciones no se llevarían a cabo (BLOCH, 2017, p.36).

No entanto, para que as utopias funcionem para o agir concreto, as condições para esse imaginar precisam estar dadas. Do contrário, as utopias se darão no abstrato, sem ligações com o curso da história do mundo. Entretanto, isso não quer dizer que o mundo precisa estar dado, pelo contrário. Segundo o autor, um mundo acabado não abre espaço para que desejemos algo, posto que tudo já está pronto, terminado. Para que haja utopia, a existência da possibilidade, do ainda-não, é fundamental. As condições que ligam essa utopia ao curso da história precisam estar dadas, mas a possibilidade é uma dessas condições.

Fazendo um paralelo com o pensamento de Agnes Heller, as condições para essa utopia podem ser entendidas como as estruturas da vida cotidiana. Essas estruturas provisórias exigem que o indivíduo empenhe sua criatividade para realizar as escolhas espontâneas necessárias ao agir pragmático. Mas, quando se cristalizam, essas estruturas provocam a alienação (HELLER, 2000). A alienação não permite transformações, pois não oferece possibilidade de escolhas, apenas a mera repetição.

Bloch (2017) explica que existem dois tipos de futuro, o inautêntico e o autêntico. O futuro inautêntico seria essa mera repetição das estruturas do passado, sem que haja transformação; seria, portanto, um futuro previsível. Já o futuro autêntico é

aquele que abre novas possibilidades, que permite que haja transformação, pois é imprevisível. Essa imprevisibilidade do futuro, ao mesmo tempo que assusta, porque pode trazer o indesejado, é a condição que, segundo Bloch, nos permite imaginar outras possibilidades e agir para que ocorra mudanças.

San Junipero, embora pretenda ser a retomada de um passado, se apresenta para Yorkie como uma possibilidade de transformar sua história, ao permitir à personagem viver a juventude que o acidente que lhe deixou em estado vegetativo impediu. Para Bloch (2017), a juventude é uma das três regiões que possuem futuro autêntico – juntamente com a mudança de eras e a produtividade –, pois é uma região repleta de ainda-não vividos.

De modo semelhante, Koselleck aponta que: “Uma pessoa mais velha não se surpreende tão facilmente quanto um jovem. Podemos caracterizar o envelhecimento pela diminuição da capacidade de se surpreender” (2014, p. 24). Para Yorkie, San Junipero, portanto, representa essa possibilidade de futuro autêntico, ao poder se surpreender com o ainda não vivido, uma vez que todo o tempo biológico referente à sua juventude e vida adulta foi restrito a uma cama de hospital.

Para Kelly, por sua vez, San Junipero não representava essa possibilidade de futuro autêntico. A personagem estava tão presa às estruturas de seu passado que o lugar não lhe oferecia nenhuma possibilidade de elaboração de utopias para um agir futuro. Mas essa visão é superada quando a personagem compreende que o vilarejo virtual oferece um espaço de experiência possível para desenvolver seu romance com Yorkie, ou seja, a possibilidade de continuar tecendo ali o fio da própria história, não como um retorno ao passado, mas como um espaço autêntico e cheio de potência para novas vivências.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O episódio “San Junipero” não resolve as aporias que sua narrativa levanta. Por exemplo, o tempo cronológico é bastante presente na narrativa. A imagem do relógio é sempre utilizada para informar a medição do tempo limite que os não-permanentes (aqueles que ainda continuam vivos no mundo biológico) podem passar em San

Junipero, bem como a divisão do tempo em semanas, anos. No entanto, a vivência em San Junipero, para aqueles que são permanentes, é da ordem da eternidade.

Além disso, a era para a qual se vai, embora qualquer uma delas sempre seja em San Junipero, é uma questão de escolha. Isso proporciona que as personagens migrem com facilidade do ano de 1987 para os anos 90 ou 2000. Em San Junipero, ainda, por mais que o relógio marque as horas e seja possível, com o passar dos dias, desenvolver um romance, como no caso de Yorkie e Kelly, o tempo é sempre o da era que se escolheu e o corpo nunca envelhece. Tendo em conta este contexto, para as personagens em questão é sempre 1987.

Tudo isso posto, há que se falar em passagem do tempo? É possível pensar as experiências que lá ocorrem, que perante tudo o que discutimos aqui, são autênticas, a partir das categorias de passado, presente e futuro, que parecem entrar em colapso quando a realidade virtual se sobrepõe à realidade do tempo histórico?

No entanto, acreditamos que perceber a sobreposição de temporalidades, tão evidente em “San Junipero”, é um bom exercício para pensarmos como essa mesma sobreposição ocorre em nosso cotidiano, no qual, muitas vezes, incorremos no erro de tomarmos o tempo como homogêneo. Em “San Junipero”, assim como no mundo real, passado, presente e futuro não são categorias fechadas, mas se implicam e se acoplam, permitindo que sejam sempre ressignificados e tensionados, pois neles também atua a imaginação humana.

Do mesmo modo, não há que se falar em um passado, um presente e um futuro, como categorias únicas e isoladas, pois a vida cotidiana é heterogênea e cada esfera que a compõe se desenrola em uma temporalidade própria, de maneira que, mesmo entre os contemporâneos, as temporalidades sejam algo divergente. Assim como em “San Junipero”, o tempo histórico é, pois, um constante processo de continuidades, sobreposições, rupturas e reordenamentos possibilitados pelos constantes modos de se imaginar a realidade.

## **REFERÊNCIAS**

BLOCH, Ernest. **Despedida de la utopia?** Madrid: A. Machado Libros, 2017.

HELLER, Agnes. **A estrutura da vida cotidiana. O cotidiano e a história.** São Paulo: Paz e Terra, 2000.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos.** Rio de Janeiro: Contracampo: Puc-Rio, 2000. pp. 267-327.

KOSELLECK, Reinhart. Estratos do tempo. In: Koselleck, R. **Estratos do Tempo: estudos sobre história.** Rio de Janeiro: Contracampo: Puc-Rio, 2014. pp.19-26.

MUDROVCIC, Maria Inés. Regímenes de historicidad y regímenes historiográficos: del pasado histórico al pasado presente. **Historiografías, Revista de Historia y Teoría**, n. 5, 2013.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa**, tomo 3. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

SAN Junipero (Temporada 3, ep.4). Black Mirror [Seriado]. Direção: Owen Harris. Roteiro: Charlie Brooker. Inglaterra: Netflix, 2016. 1 vídeo (61 min.)

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade: na história e na literatura.** São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

**Recebido em 17 de dezembro de 2020**

**Aprovado em 29 de fevereiro de 2020**